



LIMITES E POTENCIALIDADES
NA AÇÃO DE INCUBADORAS
UNIVERSITÁRIAS EM RELAÇÃO
ÀS PRÁTICAS INTEGRAIS
DE ENSINO, PESQUISA E
EXTENSÃO

LIMITES Y POTENCIALIDADES
EM LA ACCIÓN DE
INCUBADORAS
UNIVERSITARIAS EN
RELACIÓN A LAS PRÁCTICAS
INTEGRALES DE ENSEÑANZA,
INVESTIGACIÓN Y EXTENSIÓN

Iniciativas no âmbito de universidades brasileiras conhecidas como incubadoras tecnológicas de empreendimentos de economia solidaria têm sido consideradas como importantes agentes no fomento ao ensino, pesquisa e constituição de empreendimentos de trabalho coletivo populares e autogestionários. Via de regra, representam experiências que incluem e articulam estes três tipos de atividades por meio das quais universidades, particularmente públicas, buscam cumprir sua missão social de produção de conhecimento sistematizado, como resposta ao compromisso com a indissociabilidade entre elas e a despeito do permanente desafio de manter o equilíbrio entre tais atividades e delas com outros tipos de demandas institucionais, particularmente aquelas a que estão sujeitos servidores dos quadros efetivos destas instituições, em termos de administração e gestão do conhecimento.

O exame destas experiências em uma publicação desta natureza justifica-se, entre outras razões, pelo fato de têm inspirado outras similares no âmbito da rede PROCOAS, aumentando a relevância de que sejam promovidas sistematizações e intercâmbios que ampliem visibilidade e compreensão sobre variáveis relevantes dos processos de incubação, favorecendo um exame crítico deste modo de fomentar ações de combate à desigualdade. Seu potencial como articulador das ações de ensino, pesquisa e extensão, bem como seus limites identificados oferecem importantes subsídios para avançar na integralidade das ações de responsabilidade das universidades, justificando-se assim pelo atendimento à temática proposta neste volume.

Os três textos que constituem esta parte do livro referem-se a este tipo de experiência iniciada no Brasil a partir dos anos 1990. No primeiro deles, correspondente a experiência da Incoop – Incubadora Regional de Cooperativas Populares da UFSCar, são apresentadas e examinadas alterações produzidas no chamado método de incubação – conjunto de comportamentos coletivos adotados pela equipe como parte do processo de assessorar grupos de pessoas para formar e consolidar empreendimentos populares de Economia Solidaria - a partir da adoção de uma estratégia de atuação voltada para o desenvolvimento de territórios, por meio da articulação e do protagonismo de empreendimentos e iniciativas econômicas neste campo. No segundo deles, é examinada a experiência da Incubadora Tecnológica da Universidade Federal do Paraná como um programa de extensão, com foco na sua constituição e desenvolvimento, sendo evidenciadas e examinadas condições que foram favorecedoras e aquelas que significaram limites relevantes deste processo. O terceiro texto indica e examina, a partir de subsídios oferecidos pelas experiências particulares de diversas incubadoras da Rede de Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares (ITCPs) e da própria rede, potencialidades e limites das incubadoras tecnológicas de empreendimentos solidários para a efetiva implementação de redes colaborativas, como forma para alcançar objetivos relacionados à intervenção social a partir das universidades. Convidamos nossos leitores a conferir nossa percepção sobre os textos cuidadosamente elaborados por nossos e nossas colegas.

Ana Lucia Cortegoso
Universidade Federal de São Carlos

MÉTODO DE INCUBAÇÃO DE EMPREENDIMENTOS DE TRABALHO COLETIVO SOLIDÁRIO NA INCOOP/ UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS: AVANÇOS E DESAFIOS EM UM CONTEXTO DE DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL COM ECONOMIA SOLIDÁRIA

Ana Lucia Cortegoso²¹

Ioshiaqui Shimbo²²

Gabriela Gonzales Mezzacappa²³

Henrique Mesquita Pompermaier²⁴

Tatiane Marina Pinto de Godoy²⁵

Resumo

A Incubadora Regional de Cooperativas Populares da Universidade Federal de São Carlos (INCOOP/UFSCar, Brasil) vem assessorando a comunidade para constituição de empreendimentos de trabalho coletivo solidário desde 1998 e desenvolvendo, neste processo, seu método de incubação, representado por meio de comportamentos esperados da equipe em relação aos grupos e empreendimentos atendidos. Esse método, sistematizado por meio de processo participativo e democrático pela equipe em 2005, tem sido revisado continuamente, embora em situações específicas, de forma pontual e parcial, a partir da atuação da equipe e de leituras críticas desta sistematização, por pessoas de diferentes áreas do conhecimento e formação profissional. Esse capítulo tem como objetivo apresentar o resultado de uma revisão integral deste método de incubação, realizada por alguns membros desta equipe, considerando contribuições acumuladas a partir revisões parciais e, em particular, de necessidades e descobertas decorrentes do avanço de um projeto de desenvolvimento territorial como contexto para incubação de empreendimentos solidários, a partir de 2007; este produto constitui subsídio para discussão no âmbito da equipe, na construção de novos acordos orientadores para sua atuação, compatíveis com este novo contexto prático e conceitual da INCOOP.

Resumen

La Incubadora Regional de Cooperativas Populares de la Universidad Federal de São Carlos (INCOOP/UFSCar, Brasil) asesora la comunidad para la constitución de emprendimientos de trabajo colectivo solidario desde 1998 y desarrollando, en ese proceso, su método de incubación, representado por medio de los comportamientos esperados del equipo en relación con los grupos y emprendimientos aten-

21 Professora associada da Universidade Federal de São Carlos, vinculada ao NuMI-EcoSol/UFSCar (antiga INCOOP).

22 Professor associado da Universidade Federal de São Carlos, vinculado ao NuMI-EcoSol (antiga INCOOP).

23 Aluna de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Ciência e Tecnologia da Universidade Federal de São Carlos.

24 Aluno de Mestrado do Programa em Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de São Carlos.

25 Pós-doutoranda vinculada ao NuMI-EcoSol/UFSCar (antiga INCOOP), com recursos FAPESP.

didados. Este método, sistematizado a través de un proceso participativo y democrático por el equipo en 2005, ha sido revisado continuamente, aunque en situaciones específicas, de manera puntual y parcial, a partir de la actuación del equipo del trabajo y la lectura crítica de esta sistematización, por personas de diferentes áreas de conocimiento y formación profesional. Este capítulo tiene como objetivo presentar el resultado de una revisión completa de este método de incubación, sostenida por algunos miembros de este equipo, teniendo en cuenta los aportes acumulados a partir de revisiones parciales y, en particular, las necesidades y los descubrimientos que surgen del avance de un proyecto de desarrollo territorial como marco para la incubación de emprendimientos solidarios, a partir de 2007, este producto es el insumo para la discusión dentro del equipo, la construcción de nuevos acuerdos para orientar sus actividades, compatible con este nuevo contexto práctico y conceptual de INCOOP.

Integralidade de práticas acadêmicas: indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão na INCOOP²⁶

Desde 1998, a INCOOP vem atuando no apoio a segmentos da comunidade para constituição de empreendimentos econômicos de trabalho associado no âmbito da Economia Solidária, expressão que tem sido utilizada, no Brasil, para denominar o conjunto de iniciativas de atividades econômicas – de produção, comercialização, distribuição, consumo e finanças solidárias – organizadas sob a forma de autogestão, isto é, com propriedade coletiva (ou controle coletivo) dos meios de produção de bens ou prestação de serviços, participação democrática dos membros nas decisões sobre a organização ou empreendimento e distribuição equitativa dos resultados (SENAES, 2004).

Embora constituída a partir da perspectiva extensionista, a Incubadora manteve, desde seu início, uma compreensão da atividade de extensão como parte daquelas que são indispensáveis para que a Universidade, como instituição social, cumpra seu papel de produção de conhecimento, que inclui ainda as atividades de pesquisa e de ensino, conforme proposto por Botomé (1996), e presente nas normas que regulam as atividades de extensão na UFSCar (1999):

“Art. 1º. As atividades de extensão universitária têm como referência que à Universidade cabe, enquanto atribuições específicas relativas à sua responsabilidade de promover o desenvolvimento do saber: produzir, sistematizar, criticar, proteger, integrar, divulgar e difundir o conhecimento humano.

Art. 2º. As atividades de extensão são consideradas como parte integrante dos três tipos de atividades-fim: pesquisa, ensino e extensão, que a instituição realiza para concretizar seus objetivos. § 1º. Através da pesquisa, a Universidade atende aos objetivos de produzir, sistematizar, criticar e integrar o conhecimento, tornando-o disponível.

§ 2º. Através do ensino de graduação, a Universidade garante a formação de pessoas para utilizar profissionalmente o conhecimento disponível nas diferentes áreas, capacitando-as para atuar nos campos de atuação profissional necessários à sociedade.

§ 3º. Através do ensino de mestrado e doutorado, a Universidade garante a formação profissional de professores universitários e de cientistas, preparando-os para desenvolver o conhecimento e formar novas gerações desses profissionais para toda a sociedade;

§ 4º. Através das atividades de extensão, a Universidade amplia o acesso ao conhecimento, capacitando pessoas a utilizar o conhecimento disponível...”

²⁶ Em agosto de 2011 o Conselho Universitário da Universidade Federal de São Carlos aprovou a criação do Núcleo Multidisciplinar e Integrado de Estudos, Formação e Intervenção em Economia Solidária (NuMI-EcoSol), sucessor da Incubadora Regional de Cooperativas Populares, que se transformou, assim, de um Programa de Extensão, em uma unidade especial de ensino, pesquisa e extensão, reconhecendo seu caráter de integralidade de ações acadêmicas, acúmulo em relação a estes três tipos de atividades e estabilidade de atuação. A transição de uma condição a outra vem sendo preparada, em conformidade com procedimentos da UFSCar e possibilidades da equipe responsável pela unidade.

Com plena adesão a esta proposta, a INCOOP atua de maneira a garantir, simultaneamente ao atendimento à comunidade, produção de conhecimento de diferentes tipos, por diferentes formas e com métodos diferenciados, sobre e de interesse para a Economia Solidária, sistematizando e refletindo sobre sua atuação, estimulando o desenvolvimento de projetos de pesquisa em diferentes níveis (graduação e pós-graduação), mantendo grupo de pesquisa e buscando formas de transformar o conhecimento em ferramentas de mudança social, inclusive na perspectiva de tecnologia social. Da mesma forma, tem investido na formação de pessoas em diferentes níveis, por meio de disciplina optativa²⁷ sobre o tema, destinada a alunos de graduação de todos os cursos da UFSCar e a interessados de outras instituições de ensino, gestores públicos e da comunidade; mantém linhas de pesquisa e campos de estágio e projetos de extensão para inserção de alunos de graduação e de pós-graduação; e tem preparado e implementado atividades formativas específicas para ampliar a compreensão sobre a Economia Solidária por parte da comunidade atendida, parceiros, educadores e outros multiplicadores. Como reflexo do compromisso da INCOOP com esses três aspectos inerentes à função social da universidade, foi aprovada recentemente pelo Conselho Universitário da UFSCar a transformação da INCOOP em uma unidade especial de ensino, pesquisa e extensão, denominada Núcleo Multidisciplinar Integrado de Estudos, Formação e Intervenção em Economia Solidária (NuMI-EcoSol).

É neste contexto que vem sendo construído, examinado e adequado, de forma permanente, o método de incubação que serve como referencial para o conjunto das atividades da equipe, constituída de docentes, estudantes de graduação e pós-graduação e profissionais de nível superior com diferentes formações, desenvolvidas de modo a garantir a articulação entre ensino, pesquisa e extensão em relação à Economia Solidária.

Economia Solidária, método de incubação e desenvolvimento territorial: aspectos relevantes para o contexto de atuação da INCOOP

Nos últimos vinte anos, a proposta de organização para o trabalho, baseada nos tradicionais princípios do cooperativismo, como destaca Rech (2000), vem ganhando uma identidade e uma importância particulares, em função da ênfase na autogestão e do potencial nela percebido em termos de mudança social, por pelo menos parte da sociedade em geral e da comunidade acadêmica em particular, ainda que neste último contexto o debate sobre este potencial, principalmente de cunho teórico-conceitual, seja intenso e envolva controvérsias. Essa identidade vem sendo conferida à Economia Solidária, em particular, pela ênfase na autogestão, compreendida como essencial em todas as esferas de funcionamento dos empreendimentos e para as relações entre os atores sociais que dela fazem parte. Considerando tal identidade, a Economia Solidária tem sido referida como um fenômeno social, um movimento social, uma área de conhecimento e um campo de atuação profissional, na perspectiva de outra economia e de um novo projeto de sociedade.

O crescimento da Economia Solidária no Brasil tem ocorrido de forma pelo menos coincidente com o recrudescimento do desemprego estrutural e com a precarização das relações de trabalho. Dados do Sistema Nacional de Informações em Economia

²⁷ Atividade Curricular de Integração Ensino, Pesquisa e Extensão (ACIEPE): Cooperativas Populares e Economia Solidária.

Solidária (SIES) fortalecem a suposição de tal relação, indicando que a partir da década de 1990, exatamente aquela em foi observado um avanço desta forma de organização para o trabalho no Brasil, os resultados da reestruturação produtiva se tornam mais expressivos, de acordo com Godoy (2009). Ainda que exista um debate vigoroso sobre a Economia Solidária ser apenas uma alternativa de geração de trabalho e renda para os excluídos do capitalismo ou como um modo de produção contraposto ao capitalista, é possível constatar que desse novo cooperativismo emergiram valores equivalentes àqueles dos movimentos operários, voltados para a autogestão, a solidariedade, a igualdade de direitos e deveres, por exemplo.

Para muitos dos que vêm na Economia Solidária um potencial para mudanças sociais, este não se limita à possibilidade de geração de renda para uma população vulnerável e, em muitos casos, discriminada pelo mercado de trabalho, mas está vinculado ao seu caráter intrinsecamente educativo, do ponto de vista das capacidades de compreensão e intervenção em relação aos fenômenos sociais vinculados à própria exclusão. Não sendo este debate, contudo, objeto deste texto, fica a sugestão aos interessados em melhor conhecer o ponto de vista de quem percebe na Economia Solidária este potencial, o texto de Cruz (2011), no qual o autor examina o potencial da Economia Solidária para produzir mudança social a partir da acumulação solidária que viria sendo gerada com o avanço concreto destas iniciativas e do conhecimento produzido sobre elas, e a serviço desta lógica alternativa de organização para a vida.

De acordo com os dados obtidos e sistematizados no Atlas da Economia Solidária no Brasil 2005 (SENAES/MTE, 2006), foram identificados diferentes tipos de atores participantes deste chamado movimento, classificados no contexto deste mapeamento em cinco categorias: 1) Empreendimentos Econômicos Solidários; 2) Fórum Brasileiro de Economia; 3) Gestores Públicos; 4) Entidades de Apoio e Fomento e 5) Ligas ou Uniões. Cortegoso, Shimbo e Zanin (2005), por sua vez, fazem referência a três tipos de entidades de apoio ou fomento à Economia Solidária: gestores públicos (em nível federal, estadual e municipal), órgãos de fomento (organizações civis, agências de financiamento de pesquisa, agências de financiamento de empreendimentos e universidades), e instâncias articuladoras de diferentes tipos de atores, sendo a mais geral dela o Fórum Brasileiro de Economia Solidária (e correspondentes a ele nos níveis locais e regionais), e incluindo redes universitárias, entidades de pesquisa, centrais de cooperativas, redes de comercialização, feiras e mostras de Economia Solidária. Considerando os objetivos deste texto, cabe destacar, deste conjunto, as incubadoras universitárias, como contribuições particulares das universidades brasileiras para, e em relação à Economia Solidária, no atendimento à função social deste tipo de organização, em termos de produção de conhecimento sistematizado.

A Incubadora Regional de Cooperativas Populares da Universidade Federal de São Carlos INCOOP/UFSCar foi criada em 1998, concomitantemente com outras Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares que surgiam em diversas universidades brasileiras, na perspectiva da incubação de cooperativas populares, realizando assessoria quanto a viabilidade e implantação de empreendimentos econômicos solidários, formação contínua e permanente para organização coletiva autogestionária e para os serviços qualificados necessários para a cadeia produtiva em que o empreendimento está inserido.

Por aproximadamente 10 anos, a INCOOP UFSCar atuou tendo como centralidade de suas atividades o assessoramento de segmentos da população para constituição

de empreendimentos econômicos solidários, e o fez em relação a diferentes atividades produtivas, em várias regiões do estado de São Paulo/Brasil, e tendo como ponto de partida diferentes situações, incluindo dados sobre áreas de pobreza, solicitações de gestores públicos, entidades sindicais, organizações civis, entre outras entidades.

Devido à sua inserção em uma universidade que assume a indissociabilidade entre o ensino, a pesquisa e a extensão, a INCOOP UFSCar tem por princípio integrar em suas atividades essas três esferas de atuação, que estão em constante articulação. Com relação às práticas de ensino-aprendizagem, por exemplo, a incubação de empreendimentos por si só representa uma atividade educativa, tanto para os membros do empreendimento incubado, quanto para a equipe da INCOOP UFSCar. Além disso, a cada semestre a equipe oferece uma disciplina a alunos de graduação e demais interessados sobre economia solidária e cooperativismo. Além da oportunidade de participação na disciplina para alunos de diferentes cursos de graduação, que prevê que os alunos participem tanto de atividades de pesquisa quanto da intervenção, os professores que fazem parte da equipe da INCOOP oferecem oportunidades de estágio, orientação de pesquisas de conclusão de curso, mestrado e doutorado para estudantes interessados na temática. As atividades da incubadora são organizadas por meio de projetos de pesquisa, cujos objetivos de ampliar o conhecimento existente na área da economia solidária são indissociáveis da intervenção na realidade.

A partir de 2007 a INCOOP UFSCar passou a atuar em dois territórios específicos, sendo um urbano e outro rural, com a perspectiva de promover desenvolvimento territorial. Para tanto, passaram a fazer parte dos aspectos considerados nesta atuação diferentes tipos de atores sociais, cadeias produtivas, fluxos e políticas públicas, ampliando o escopo de atuação da incubadora para além dos empreendimentos solidários, na direção de sua relação com a organização social local mais ampla, incluindo aspectos culturais, político-institucionais, ambientais e econômicos dos territórios selecionados para a atuação.

Nesse sentido, a INCOOP UFSCar tem desenvolvido pesquisas e ações voltadas para articular políticas públicas em Economia Solidária com vistas ao desenvolvimento territorial, em decorrência de lacunas nas estratégias de desenvolvimento territorial aliadas a uma nova lógica econômica capaz de promover circuitos socioprodutivos intrincados ao tecido das relações sociais, políticas e culturais de um dado lugar. A partir de experiências acumuladas em anos de atuação em ensino, pesquisa e extensão no campo da Economia Solidária, a INCOOP também focou suas ações no estabelecimento de parcerias com outros atores de sociais; entre eles, o governo local, por meio da administração municipal, como estratégia para a formulação de políticas públicas que possam assegurar a consolidação e ampliação dos empreendimentos incubados.

A partir de 2007 ocorreu, assim, uma mudança de enfoque da atuação da Incubadora, que durante seus anos iniciais ofereceu assessoria a empreendimentos de diferentes regiões e sem vínculos específicos entre eles, a partir das mais variadas demandas, e passou a orientar sua atuação no sentido de fomentar a constituição e articulação de empreendimentos visando a formação de cadeias produtivas e redes de cooperação capazes promover a consolidação destas iniciativas, como condição para o desenvolvimento local de determinados territórios, a partir de alguns dos empreendimentos incubados e consolidados. Nessa perspectiva, a Incubadora assumiu também, como parte relevante do processo de desenvolvimento territorial, a pro-

moção de ações visando o acesso das populações destes territórios a diversos direitos de cidadania. Desta forma, em busca de promover condições mais dignas de trabalho, não precarização das relações de trabalho, ou aquilo que a Organização Internacional do Trabalho (2006) preconiza como trabalho decente²⁸, e a partir do potencial existente no âmbito da equipe, em termos de áreas do conhecimento e campos de atuação profissional, foram propostas frentes de atuação no projeto de desenvolvimento territorial da INCOOP UFSCar, em termos de interferência educativa para a ampliação do grau de letramento, ações educativas em saúde relacionadas ao trabalho e à qualidade de vida, educação matemática, equidade nas relações humanas (em particular de gênero), vivências em atividades diversificadas de lazer, inserção social de usuários da saúde mental, entre outras.

Articulando resultados da prática de incubação e avanço conceitual para construir referenciais para a ação: aspectos de método na revisão e reformulação de acordos coletivos.

A realização de processos de assessoria a segmentos da população correspondente àquela que constitui alvo prioritário do trabalho da incubadora (pessoas excluídas do mercado de trabalho, trabalhadores em situação de precariedade, pessoas com necessidades especiais e em especial situação de vulnerabilidade social, e moradores de regiões pobres, particularmente urbanas) para constituição de empreendimentos econômicos solidários, por vários anos, deu origem ao que tem sido denominado “método de incubação”. Esta expressão abrange o conjunto de comportamentos da incubadora como organização, correspondentes a aspectos que foram se evidenciando, nos anos de prática e avaliação dos resultados alcançados, bem como de reflexão conceitual e teórica sobre esta prática, como essenciais no processo de constituição de empreendimentos desta natureza.

Embora apresentem a incubação como parte do escopo de atuação comum, diferentes incubadoras adotam diferentes estratégias e enfoques em seu método de incubação. No projeto “Articulação ITCPs²⁹”, financiado pela Financiadora de Estudos e Projetos do Ministério de Ciência e Tecnologia FINEP/MCT, cinco incubadoras universitárias do estado de São Paulo vêm sistematizando suas práticas de incubação. A comparação entre as práticas relatadas pelas equipes das cinco incubadoras consideradas evidenciou que o método de incubação adotado pela INCOOP/UFSCar diferencia-se de outros por dois fatores que se inter relacionam. Com poucas exceções, as incubadoras universitárias costumam representar sua forma de trabalho por meio de “etapas”, e estas em geral são (ou incluem) “pré-incubação”, “incubação” e “desincubação”. No caso do método de incubação da INCOOP, sua representação é feita a partir da compreensão de que a relação INCOOP UFSCar-empreendimento

²⁸ Segundo a OIT/ONU o **Trabalho Decente** é um trabalho produtivo e adequadamente remunerado, exercido em condições de liberdade, equidade, e segurança, sem quaisquer formas de discriminação, e capaz de garantir uma vida digna a todas as pessoas que vivem de seu trabalho. Disponível em: http://www.oitbrasil.org.br/trab_decente_2.php. Acesso em 11 de abril de 2009.

²⁹ Construção de Conhecimento Conjunta e Articulação de ITCPs do Estado de São Paulo. Projeto em andamento de 2010 com previsão de término em 2012. Participam do projeto além da INCOOP UFSCar, as incubadoras tecnologias de cooperativas populares da Universidade de São Paulo USP, Universidade de Campinas UNICAMP, da Fundação Getúlio Vargas FGV e da Universidade Estadual Paulista Campus de Assis UNESP.

é um processo contínuo, referente ao que a equipe da Incubadora, como um coletivo, deve fazer, ou seja, dos comportamentos organizacionais que definem a própria INCOOP. Neste sentido, do ponto de vista da compreensão da equipe em relação ao seu papel no atendimento a uma população historicamente precarizada, de modo a colaborar para superação de desigualdades sociais que remontam à colonização e cujos determinantes estão ainda, e cada vez mais, presentes na lógica capitalista dominante, não cabe propor o encerramento desta relação, em termos de desincubação, particularmente como esta tem sido por vezes compreendida e colocada em prática, tendo como referência indicadores de “sucesso” de empreendimentos econômicos derivados da própria lógica capitalista.

Uma razão a mais para evitar a previsão da desincubação é a concepção adotada pela equipe acerca do papel da constituição de redes, como modo de articulação e relação por excelência na Economia Solidária. Neste sentido, é desejável a continuidade dos processos de troca e apoio mútuos entre Incubadora e empreendimento. Um exemplo de como isto pode acontecer é a adoção, como estratégia, no caso do Projeto de desenvolvimento territorial conduzido pela INCOOP, do protagonismo de empreendimentos incubados pela Incubadora na construção e consolidação de novos empreendimentos e na articulação entre eles, como meio para promover desenvolvimento sócio econômico do território.

Uma razão adicional para que a equipe tenha optado por manter, em seu método de incubação, a possibilidade de prolongamento indeterminado da relação entre a equipe da INCOOP e empreendimentos incubados é o próprio papel social da Universidade, contexto em que está inserida a Incubadora, em relação à produção de conhecimento. A experiência acumulada da Incubadora tem indicado que, mesmo no caso de empreendimentos que podem ser considerados, de muitos pontos de vista, consolidados em seu funcionamento, a crescente complexidade de situações a serem enfrentadas por tais empreendimentos, decorrente das contradições sociais e até mesmo da reação de ordem capitalista a iniciativas que surjam como ameaça a sua hegemonia, assim como a própria insuficiência de conhecimento disponível e tecnologia para o avanço da Economia Solidária, tanto no que se refere à sustentabilidade de empreendimentos quanto ao impacto desta proposta no âmbito da mudança social, justificam a manutenção desta relação de modo indeterminado, desde que haja interesse de todos os envolvidos.

Tomando como base o conceito de comportamento como relação entre o que um organismo (pessoa ou organização) faz, e o ambiente em que atua, em termos de condições diante das quais a ação ocorre ou deve ocorrer, e os resultados, produtos, efeitos e conseqüências desta ação, e por meio de um processo participativo, a equipe da INCOOP sistematizou, em 2005, seu método de incubação, em termos de dezesseis classes gerais de comportamentos (Cortegoso et al, 2006), que podem ser vistas, em uma formulação sintética, no Quadro I.

Quadro 1. Classes de comportamentos da INCOOP UFSCar indicadas como componentes do método de incubação adotado pela equipe, em versão extraída de Cortegoso et al (2008).

1. Processar demandas para incubação de empreendimentos solidários, recebidas de diferentes atores sociais, de modo que estas sejam aceitas ou recusadas em função de critérios estabelecidos pela equipe da INCOOP UFSCar e de recursos existentes para incubação de novos empreendimentos, de forma transparente para todos os envolvidos e com encaminhamentos realizados para aqueles casos em que a demanda não puder ser atendida;
2. Identificar população em potencial para formação de empreendimento solidário compatível com a demanda, quando esta população não está identificada na demanda, de modo o mais possível inclusivo em relação à população potencial;
3. Caracterizar cada um dos atores, de diferentes tipos, envolvidos, ou que devem ser envolvidos, no processo de incubação específico a ser realizado, de forma o mais completa possível, como condição para elaborar propostas de atuação junto ao grupo e, de preferência, com participação efetiva destes envolvidos, particularmente a população em potencial para formação do grupo;
4. Apresentar economia solidária como possibilidade de organização com vistas à geração de trabalho e renda, à população ou grupo em potencial para constituição de empreendimentos solidários, de modo que cada um dos membros desta população fique esclarecido quanto a características de empreendimentos no âmbito da economia solidária, princípios do cooperativismo, alternativas existentes para geração de trabalho e renda, forma e condições de trabalho da INCOOP UFSCar e competente no uso e compreensão da linguagem e dos conceitos no campo da Economia Solidária, que possa escolher de forma livre e esclarecida sobre adesão à proposta cooperativista e contribuir na busca de recursos para viabilizar o atendimento da INCOOP UFSCar, se for necessário;
5. Apoiar o grupo em sua organização inicial para que os participantes possam tomar decisão democrática e esclarecida sobre formação (ou não) de empreendimento econômico solidário, caso o grupo apresente grau insuficiente de organização autônoma para isto;
6. Elaborar proposta conjunta de trabalho, com participação dos membros em potencial do grupo a ser incubado, que indique o mais claramente possível os acordos coletivos sobre responsabilidades mútuas no processo de incubação, objetivos, metas, prazos, formas de trabalho, contrapartidas e outros aspectos que possam contribuir para a regulação das condutas de todos os participantes, bem como sirvam como parâmetros para avaliação do trabalho, atendendo a necessidades, interesses e possibilidades de todos os envolvidos;

7. Apoiar escolha de atividade econômica a ser realizada pelo grupo a partir do exame de cadeias produtivas, de modo que esta apresente viabilidade econômica, relevância social e compatibilidade com recursos materiais e capital humano disponíveis, com recursos adicionais e infra-estrutura necessária para implementação da atividade devidamente identificados e potencialmente acessíveis;
8. Promover formação dos membros do grupo para o cooperativismo popular e para a economia solidária de forma contínua e permanente, de todas as maneiras e em todos os tipos de situação possíveis, com ampliação de autonomia do grupo e sua inserção no contexto maior da Economia Solidária e aumento da probabilidade de que os membros dos empreendimentos atendidos apresentem condutas gradualmente mais compatíveis com a cultura da Economia Solidária;
9. Promover formação contínua e permanente dos membros para a autogestão e para a gestão administrativa, em todas as oportunidades e de todas as maneiras possíveis, de modo que todos os membros do empreendimento econômico solidário tenham acesso a oportunidades de aprendizagem, tornem-se gradualmente mais capazes de participar de sua administração, utilizando técnicas e procedimentos adequados para suas atividades e compatíveis com os princípios do movimento de Economia Solidária, condutas administrativas de membros destes empreendimentos gradualmente mais compatíveis com a cultura da Economia Solidária; trabalhadores e trabalhadoras com controle sobre todo o processo econômico (produção, financiamento, administração, distribuição, troca e consumo ético, crítico, consciente dos frutos do seu trabalho);
10. Promover condições para capacitação técnica dos participantes em relação ao serviço ou produto ofertado pelo empreendimento, de forma permanente, de modo que seja possível manter e ampliar a viabilidade econômica do empreendimento, gerando melhores condições para enfrentar concorrência e pleitear melhores postos e condições de trabalho, que o grupo esteja preparado para manter busca de oportunidades de capacitação e capacitação técnica de forma autônoma e para estabelecer parcerias neste sentido e que cada um dos membros possa alcançar desempenho técnico de alta qualidade, melhoria de auto-estima e melhores condições para colaborar no grupo;

11. Promover elaboração de normas de funcionamento do empreendimento, particularmente o regimento interno, de maneira participativa e o mais precocemente possível e de modo que estas indiquem claramente comportamentos significativos esperados dos membros e do empreendimento, definidos pelo grupo de acordo com suas necessidades e características, de forma compatível com a legislação existente e de maneira a minimizar a probabilidade de conflitos e distorções em relação aos princípios da economia solidária, bem como consequências capazes de manter estes comportamentos, pelo que agregam ou garantem de efeitos benéficos para cada indivíduo e para o grupo em termos do atendimento de suas necessidades e alcance de seus objetivos, com especificação de consequências para não cumprimento de regras que sejam viáveis, proporcionais à gravidade das condutas desviantes, e compatíveis com o conhecimento sobre o comportamento humano, particularmente aquele controlado por regras, de modo a promover compreensão dos membros sobre a função de cada norma;
12. Apoiar grupo para legalização do empreendimento, de modo que este fique regularizado de acordo com definição do grupo quanto à sua natureza jurídica e leis vigentes, com menor custo possível, e membros capacitados em relação a este processo no grau máximo possível;
13. Apoiar grupo para implantação do empreendimento, de modo que este tenha sua inserção inicial no mercado, com capacidade de funcionar, no grau máximo possível, de acordo com princípios cooperativistas e da economia solidária, com normas internas mínimas estabelecidas e capacidade de auto-gestão e gestão administrativa, possibilitando avaliação do funcionamento e ampliação das condições para viabilidade econômica;
14. Apoiar grupo para implantação de sistema de monitoramento por meio de indicadores sobre seu próprio funcionamento, de modo que este esteja sendo utilizado de forma rotineira, com o grupo produzindo, de forma autônoma, dados sobre seu próprio funcionamento, de modo a subsidiar suas decisões táticas, estratégicas e do dia a dia; sistema implantado com o maior grau possível de compatibilidade com outros sistemas de monitoramento em Economia Solidária;

15. Apoiar o grupo na implementación do emprendimento, de forma episódica e esporádica, de modo que se mantenha inserido no mercado, funcionando de forma crescente en consonância com principios cooperativistas e da economía solidária e com suas normas internas, com sua capacidade para autogestão e gestão administrativa, contando com parcerias e articulado com outros empreendimentos solidários, particularmente os da cadeia produtiva em que se insere, com grau crescente de autonomia em relação à Incubadora, com posse ou domínio crescente dos meios de produção, e ampliação das condições de viabilidade econômica;
16. Apoiar grupo para participação em redes de cooperação e em iniciativas do movimento de Economia Solidária, de modo que o empreendimento esteja articulado com outros empreendimentos solidários, apoiado por outros empreendimentos do campo da Economia Solidária, participando do maior número possível de iniciativas organizativas deste campo, tanto para viabilização da atividade produtiva quanto para a defesa política deste campo.

Cada uma das classes de comportamentos indicadas sinteticamente no Quadro I foi descrita, pela equipe, em consonância com o conceito de comportamento adotado, partindo do conhecimento acumulado pelos anos de prática e das contribuições conceituais de uma equipe multidisciplinar e multiprofissional, de forma o mais completa possível. As condições antecedentes e subseqüentes e a ação propriamente dita de cada uma das classes foram definidas, por meio de construção de consenso em um processo democrático e participativo, por essa equipe.

O produto deste esforço coletivo tem passado, desde sua formulação, por revisões específicas, ocorridas em diferentes tipos de situações. Alunos da disciplina “Cooperativas Populares e Economia Solidária: produção de conhecimento, intervenção profissional e formação de profissionais” oferecida e ministrada semestralmente pela equipe da Incubadora têm examinado e feito considerações sobre as descrições das classes de comportamentos componentes do método, regularmente, como exercício prático em atividade de aula na qual o método é apresentado e discutido. Nestas oportunidades, têm sido indicados aspectos novos ou complementares relacionados aos elementos que compõem as classes de comportamentos (condições antecedentes, subseqüentes, formas de atuar, comportamentos mais específicos a serem considerados etc.) e apresentados questionamentos sobre determinadas formulações adotadas, indicativos da conveniência de melhorar ou rever a formulação oferecida. Tais indicações têm sido organizadas e geraram um “banco de sugestões”, que foram utilizados, então, neste estudo, em uma revisão ampla da formulação até então disponível do método de incubação. Observações em situações de intervenção na comunidade de que participaram ou que foram observadas pelos responsáveis por este estudo; relatos de outros membros da equipe da Incubadora, apresentados em reuniões ou registrados em documentos, indicativos de aspectos a considerar na descrição do método de incubação e documentos relacionados aos projetos desenvolvidos pela Incubadora, como relatórios, nos últimos anos, constituíram também

fontes de informações utilizadas como subsídio para uma revisão do produto que, com poucas alterações pontuais, vem constituindo referência para a atuação da equipe desde sua sistematização em 2005.

A adoção, pela equipe da Incubadora, desde o ano de 2007, conforme relatado por Cortegoso, Ferraz e Shimbo (2010), de uma perspectiva de desenvolvimento territorial com Economia Solidária em seu trabalho de atendimento à comunidade, possibilitou um acúmulo de experiência e familiaridade com um conjunto de ferramentas conceituais que constituem importante subsídio – ao mesmo tempo que representam uma exigência - para uma revisão do método de incubação, considerando este novo contexto. Uma oficina com esta temática foi realizada, com participação de membros da equipe, que também gerou indicações de aspectos a serem considerados para a produção de ajustes à descrição do método – correspondentes a ajustes ocorridos ou esperados na atuação da equipe ao realizar o atendimento aos empreendimentos - também utilizados como subsídio para a elaboração do produto apresentado neste texto.

Partindo do conjunto de indicações coletadas nas várias fontes de informações sobre aspectos a serem revistos na descrição do método de incubação, e da descrição do método de incubação disponível antes do início do projeto de desenvolvimento territorial, foi feita uma revisão desta descrição, com base no julgamento de uma das autoras deste texto, tendo como referências: a) aproveitamento máximo das possibilidades de aprimoramento desta descrição compatíveis com práticas adotadas e acordos estabelecidos pela equipe em relação a formas desejáveis ou não de atuar no processo de assessoramento à população para constituição e consolidação de empreendimentos econômicos solidários, acumuladas a partir do esforço de pessoas que se dedicaram a esta revisão; b) possíveis respostas para a pergunta “que aspectos devem estar indicados na descrição do método de incubação, de modo que este incluam objetivos e estratégias próprios de um projeto de desenvolvimento territorial com economia solidária, como contexto em que deve ocorrer a assessoria para constituição de empreendimentos econômicos solidários”; c) potencial para aceitação pela equipe em função de outros acordos, conceitos e princípios relacionados à política de atuação da INCOOP UFSCar, da Economia Solidária e de desenvolvimento territorial; d) rigor no uso do conceito de comportamento utilizado para descrever a atuação da INCOOP UFSCar.

A revisão implicou em propostas de alterações de formulação, inserção de novos aspectos em elementos da descrição de certas classes de comportamentos, e de inserção de novas classes, de mesmo nível de generalidade das dezesseis anteriores. Este produto foi, então, examinado, individualmente, pelos outros membros da equipe responsáveis por este texto, que fizeram suas contribuições manifestando-se a respeito das sugestões apresentadas e indicando novos aspectos a serem considerados nas descrições. O diálogo sobre as indicações feitas pelo grupo deu-se a partir de leituras individuais sucessivas das indicações feitas pelos outros componentes do grupo e manifestações sobre os aspectos indicados, mantidos os mesmos critérios utilizados na revisão inicial. O produto apresentado neste texto representa o acordo alcançado pelo grupo em termos dos aspectos que foram objeto da análise, tendo restado alguns itens pendentes, a serem retomados quando da discussão do produto pela equipe da INCOOP, em uma nova etapa da permanente estratégia de sistematização e exame da atuação desta equipe.

Alterações à descrição do método de incubação da INCOOP UFSCar: sinalizando avanços e desafios para o processo de assessoria para constituição de empreendimentos econômicos solidários.

A revisão da descrição do método de incubação da INCOOP UFSCar, como resultado de alterações ocorridas ou desejáveis na forma de atuação da incubadora em relação ao assessoramento da população para constituição de empreendimentos econômicos solidários, em particular considerando uma atuação orientada pela perspectiva de promoção de desenvolvimento territorial, indicou como convenientes, entre outras, alterações em aspectos presentes na própria descrição da classe geral de comportamentos “incubar empreendimentos econômicos solidários”. Os aspectos alterados em relação à descrição original deste comportamento aparecem destacados no Quadro 2.

Quadro 2. Descrição da classe geral de comportamentos da INCOOP UFSCar “incubar empreendimentos econômicos solidários”

ASSESSORAR GRUPOS PARA FORMAÇÃO DE EMPREENDIMENTOS ECONÔMICOS SOLIDÁRIOS

Algo que deve ser feito diante de demandas compatíveis com critérios em vigor na INCOOP para incubação de empreendimentos solidários ou de necessidades e condições favoráveis à implantação e implementação de iniciativas da economia solidária como condição para desenvolvimento territorial identificadas pela equipe da incubadora, considerando disponibilidade de recursos tidos como necessários para isto, de modo a alcançar, como resultado de sua atuação: empreendimentos solidários e autogestionários de natureza popular, organizados para o trabalho coletivo, articulados com outros empreendimentos e iniciativas de Economia Solidária de todas as formas possíveis, comprometidos com desenvolvimento do território em que se insere, com capacidade crescente de funcionar em consonância com princípios de economia solidária, de identificar e providenciar o atendimento às necessidades do empreendimento e dos indivíduos que os compõem, de garantir sua sustentabilidade nas diferentes dimensões desejáveis (econômica, social, ambiental etc.), de utilizar e produzir conhecimento e tecnologia compatíveis com suas necessidades e recursos e de participar de iniciativas e do movimento da Economia Solidária em todas as esferas. É esperado que a Incubadora realize tal assessoria por meio da oferta de subsídios e de acompanhamento do processo de tomada de decisão e implementação de atividades, com participação dos responsáveis pela incubação em todas as etapas do trabalho, incluindo avaliação de resultados, por meio de relações dialógicas.

Os destaques presentes na descrição desta classe de comportamentos referem-se tanto à ampliação das condições diante das quais a INCOOP UFSCar deve realizar o processo de incubação, quanto aos resultados, produtos e efeitos desejáveis desta atuação. No primeiro caso, incluindo mais claramente aspectos advindos de diagnósticos da própria incubadora em relação a necessidades e conveniência de realizar esta

ação, para além de demandas recebidas, em particular considerando a perspectiva de inserção nas necessidades e oportunidades intrínsecas a um território específico no qual a INCOOP UFSCar esteja atuando na perspectiva de desenvolvimento local. No segundo caso, assumindo, adicionalmente aos resultados já previstos para o processo de incubação dos empreendimentos, como condições relevantes para um crescente grau de autonomia destas iniciativas: a) uma forte articulação das iniciativas de Economia Solidária existentes no território em que se insere o empreendimento sob incubação; b) alto grau de compromisso do empreendimento incubado, por meio das ações de seus membros, em relação à compreensão e atendimento das necessidades da comunidade que corresponde – e define – o território de referência, como aspecto vinculado ao princípio geral do cooperativismo, de compromisso com a comunidade, mas operacionalizado na perspectiva de desenvolvimento local; c) a importância de que o atendimento às necessidades do grupo seja condição para atendimento às necessidades dos indivíduos que o compõem; d) atendimento às exigências em múltiplas dimensões para que o empreendimento alcance um nível satisfatório de sustentabilidade, e e) capacidades crescentes do empreendimento para lidar com o conhecimento sistematizado, inclusive produzindo tecnologia para atender suas necessidades.

Algumas das alterações sugeridas, nesta revisão, estiveram relacionadas à explicitação, tanto no que se refere às condições antecedentes quanto subsequentes que compõem a relação comportamental expressa pelas classes de comportamentos, de aspectos identificados como particularmente relevantes em função da perspectiva de desenvolvimento territorial, como contexto para incubação de empreendimentos econômicos solidários. No Quadro 3 é apresentado um exemplo deste tipo de alteração, com destaque no texto para as modificações propostas.

Quadro 3. Exemplos de alterações propostas na descrição de classes de comportamentos componentes do método de incubação da INCOOP UFSCar, em função da perspectiva de desenvolvimento territorial na atuação da Incubadora.

Em relação ao comportamento ASSESSORAR O GRUPO PARA ESCOLHA DE ATIVIDADE ECONÔMICA

...quanto ao que a Incubadora leva ou deveria levar em consideração...

Procedimentos e instrumentos disponíveis para assessorar o grupo no processo de tomada de decisão; competências da equipe da Incubadora para exame de viabilidade econômica de atividades produtivas; características dos indivíduos que compõem o grupo (repertório, motivações etc.); indicações preliminares de atividades produtivas que o grupo tenha feito ou acolhido; critérios correspondentes a aspectos considerados importantes para a definição de atividade econômica por grupo incubado pela incubadora; **possibilidades identificadas pela equipe a partir de dados sobre o território e sobre o estágio de desenvolvimento da economia;**

Quanto ao que é esperado, como resultado desta ação da Incubadora...

Atividade econômica escolhida de acordo com critérios estabelecidos pelo grupo e com indicativos positivos para critérios considerados como necessários para a continuidade do processo de incubação do grupo, tais como existência ou possibilidade de conseguir condições necessárias para o desenvolvimento da atividade produtiva proposta (meios de produção ou prestação de serviços) e preparo do grupo para a realização desta atividade, disponibilidade de potenciais consumidores, **perspectivas de estabelecimento de redes de apoio e colaboração, e potencial para desenvolvimento local...**

Neste caso, foram indicadas inserções de aspectos a serem levados em conta pela Incubadora ao assessorar o grupo em atendimento para escolha da atividade econômica, bem como resultados a serem produzidos pela ação prevista, relacionados diretamente a condições existentes e que devem passar a existir no território em que está inserido cada empreendimento, contribuindo esta atividade produtiva para o desenvolvimento, local e sustentável, da região e da comunidade que nela vive.

No caso específico desta classe de comportamentos, no Quadro 4 pode ser vista, também, uma alteração sugerida nos exemplos de critérios que o empreendimento poderia levar em consideração para escolha de atividade produtiva que acompanha a descrição desta classe de comportamentos, destacada no texto.

Quadro 4. Exemplos de critérios a serem indicados, pela equipe da Incubadora, como relevantes para a escolha de atividade produtiva pelo grupo.

Constituem exemplos de aspectos (critérios) relevantes neste processo de tomada de decisões pelo grupo, a serem indicados como tais pela equipe assessora: necessidades sociais sugestivas de oportunidades para desenvolvimento de atividades produtivas por meio de empreendimento de Economia Solidária **na região de atuação do grupo ou oportunidades configuradas de desenvolvimento de atividades produtivas por meio de empreendimentos de economia solidária na região (como no caso de potencial para constituição de cadeias produtivas)**; recursos (financeiros, de conhecimento, parcerias, tecnologia) disponíveis, ou que podem se tornar disponíveis em relação às necessidades ou oportunidades identificadas, para uso ou preparo do grupo no desenvolvimento de atividades produtivas, tanto no âmbito da economia solidária quanto fora dela; competências instaladas e potenciais do grupo; características do território em que o grupo se insere, em particular em termos de empreendimentos e iniciativas de economia solidária existentes ou potenciais para o território. Estes critérios podem se alterar em função de condições diversas relacionadas a projetos da INCOOP, contexto local etc.

Neste caso, e ainda sob controle da perspectiva de desenvolvimento territorial, mas considerando em particular a possibilidade entendida como vantajosa para os empreendimentos, e para a Economia Solidária, de constituição de cadeias produtivas formadas por empreendimentos econômicos solidários, esta foi acrescida a outros aspectos que vêm se evidenciando como relevantes a partir do acúmulo de experiência com constituição de empreendimentos desta natureza, como exemplo de critério a ser adotado pelo grupo.

Alterações também foram indicadas em relação à forma de atuação da Incubadora, como modo de especificar atributos relevantes da ação prevista na classe de comportamentos, para que o comportamento ocorra com a função explicitada na descrição de condições antecedentes e subseqüentes significativas na relação comportamental. No Quadro 5 pode ser visto um exemplo deste tipo de alteração sugerida.

Quadro 5. Exemplo de alteração relacionada à forma como a Incubadora atua ao apresentar a classe de comportamentos prevista no método de incubação, em função da perspectiva de atuação em desenvolvimento territorial.

ASSESSORAR GRUPO PARA PARTICIPAÇÃO EM REDES DE COOPERAÇÃO E EM INICIATIVAS DO MOVIMENTO DE ECONOMIA SOLIDÁRIA

Em relação a como a Incubadora atua ou deveria atuar...

...por meio de convite, esclarecimentos sobre o tipo de iniciativa (objetivos, características, participantes, histórico etc), facilitação de acesso a informações e aos eventos; também por meio de: **a) análise da cadeia produtiva (ou cadeias produtivas) em que o empreendimento se insere, e b) análise das necessidades e oportunidades existentes na região em que o empreendimento se insere**, não apenas quando da definição da atividade produtiva do grupo, mas de forma permanente, em todo o processo de incubação, de modo a localizar relações possíveis e relevantes do grupo com outros atores da Economia Solidária, com aumento da sustentabilidade do empreendimento por meio da inserção em redes e articulações de diferentes tipos neste campo.

Neste caso, e em decorrências da adoção, pela INCOOP UFSCar, de uma perspectiva de atuação sob a ótica de desenvolvimento territorial, e do acolhimento do conceito de cadeia produtiva como uma das formas de articulação entre empreendimentos que interessam à Economia Solidária, foram indicadas ações desejáveis da equipe no sentido de favorecer o acesso aos membros do empreendimento em atendimento a informações relacionadas a estes conceitos, bem como de produzir informações úteis para identificação e caracterização de necessidades e oportunidades existentes no território em que o empreendimento está ou deverá ser inserido, tornando mais visíveis as possibilidades de articulação e, em decorrência, de apoios ao próprio empreendimento.

A análise do conjunto das indicações que subsidiaram a revisão do método de incubação possibilitou identificar e propor pelo menos mais quatro classes de comportamentos, consideradas como aproximadamente de mesmo nível de generalidade das dezesseis que compõem o método de incubação tomado como referência. São elas: assessorar o grupo para lidar com processos de uso e produção de conhecimento e tecnologia; assessorar o grupo para estabelecer e manter parcerias; promover condições favorecedoras para que agentes e agências sociais com atuação ou inserção em território em que estejam inseridos empreendimentos e iniciativas solidárias estabeleçam parcerias com estes empreendimentos e iniciativas; assessorar empreendimentos para a adoção de práticas de consumo ético, solidário e responsável.

No Quadro 6 pode ser vista a descrição proposta para o comportamento “assessorar o grupo para lidar com processos de uso e produção de conhecimento e tecnologia” pelos responsáveis por este texto.

Quadro 6. Descrição do comportamento “assessorar o grupo para lidar com processos de uso e produção de conhecimento e tecnologia”, proposto como parte do método de incubação da INCOOP UFSCar a partir de revisão da descrição deste método realizada por membros da equipe.

ASSESSORAR O GRUPO INCUBADO PARA LIDAR COM PROCESSOS DE USO E PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO E TECNOLOGIA

Em que situações ocorre, ou deveria ocorrer?

Situações enfrentadas pelo grupo que requerem uso ou produção de conhecimento ou tecnologia (para as quais não estejam disponíveis conhecimento ou tecnologia satisfatórias); lacunas de compreensão de indivíduos participantes de empreendimentos solidários sobre aspectos da vida, em qualquer de suas dimensões; qualquer tipo de situação em que haja oportunidade para apresentar condições a membros do empreendimento para aprendizagem e reflexão sobre processos de uso e produção de conhecimento e tecnologia, conhecimento já produzido pelo empreendimento...

O que a Incubadora leva ou deveria levar em consideração?

Processos e práticas de produção de conhecimento dos indivíduos que compõem o grupo e que fazem parte da cultura em que estes indivíduos se inserem; ferramentas conceituais e práticas para promoção das capacidades de uso, produção e disseminação de conhecimento e tecnologia...

O que é esperado, como resultado desta ação da Incubadora?

Indivíduos do grupo com capacidades crescentes de buscar, refletir sobre, adaptar, apropriar-se e produzir conhecimento e tecnologia consoantes com os princípios da Economia Solidária, capazes de responder às necessidades coletivas e individuais, de promover transformações políticas, econômicas, sociais e culturais na direção da vida em harmonia com a natureza e com a comunidade, ausência de explorações e por meio de construção coletiva de um saber-fazer que possibilite aos trabalhadores posse e controle dos meios de produção; indivíduos mais capazes de compartilhar com parceiros, com horizontalidade de relações, processos de uso, produção e disseminação de conhecimento para o grupo e para a Economia Solidária.

A proposição desta classe de comportamentos ocorreu a partir do reconhecimento da relevância da promoção das capacidades da população não apenas para apropriar-se do conhecimento produzido pelas organizações sociais que têm o papel específico de produzir conhecimento, mas do próprio processo de produção de conhecimento e de derivação de ferramentas para intervenção na realidade, usualmente denominado como tecnologia. A despeito desta relevância já ser tradicionalmente reconhecida no âmbito da equipe da INCOOP UFSCar, e de estar presente, em certo grau, no compromisso de desenvolver o processo de incubação por meio de relações o mais possível horizontais e igualitárias com a população atendida, o conceito de tecnologia social contribuiu para esclarecer, no âmbito da equipe, o alcance que deveria ter sua ação, no que se refere ao processo de produção de conhecimento.

De acordo com a Rede de Tecnologia Social (RTS), a Tecnologia Social compreende

produtos, técnicas e/ou metodologias reaplicáveis, desenvolvidas na interação com a comunidade e que represente efetivas soluções de transformação social. Autores como Dagnino (2004), Novaes & Dias (2009), Ignacy Sachs (2009), entre outros, destacam, como características relevantes da tecnologia social: atendimento às necessidades de pequenos produtores e consumidores com baixo poder econômico, ser voltada para as necessidades reais da população e para o mercado interno, estimular a criatividade do produtor e criar oportunidades para uma maior sustentabilidade econômica dos empreendimentos, ser de fácil aplicação, capaz de suportar certo nível de produtividade e favorecer relações de trabalho que não ferem a dignidade do trabalhador, e estar relacionada com o desenvolvimento local no sentido de promover o dinamismo econômico e a melhoria da qualidade de vida da população. Todas estas condições têm, de certa forma, orientado a compreensão da tecnologia social por parte da equipe da Incubadora e, em algum grau, sua atuação, justificando assim a inserção desta classe de comportamentos, como parte do método de incubação.

As competências relacionadas a lidar com o conhecimento sistematizado, para melhor participar de processos de produção de tecnologias sociais e mesmo para ampliar a autonomia do empreendimento, representam importante condição para o empoderamento dos membros destes empreendimentos e, por meio deles, da comunidade em que se inserem. Assumir como parte do método de incubação a responsabilidade de preparar a população para lidar com o conhecimento sistematizado deve, neste sentido, ampliar a democratização de acesso ao saber produzido no âmbito da universidade não apenas como produto, mas em relação ao próprio processo de produção de conhecimento e tecnologia, incluindo o aumento das capacidades da população para definição de problema, sistematização do conhecimento disponível, experimentação e validação de alternativas.

No Quadro 7 pode ser vista a descrição da classe de comportamentos “assessorar o grupo para estabelecer e manter parcerias”, cuja inserção no conjunto dos que compõem o método de incubação foi proposto a partir deste estudo.

Quadro 7. Descrição do comportamento “assessorar o grupo para estabelecer e manter parcerias”, proposto como parte do método de incubação da INCOOP a partir de revisão da descrição deste método realizada por membros da equipe.

ASSESSORAR O GRUPO PARA CONSTRUIR E MANTER PARCERIAS

Em que situações ocorre, ou deveria ocorrer?

Diante de necessidades do grupo ou de outros agentes e agências que podem ser atendidas por meio de parcerias; demandas de agentes e agências sociais por parceria com o empreendimento, parceiros em potencial, de qualquer tipo de situação em que haja oportunidade de apresentar condições promotoras de aprendizagens sobre construção e manutenção de parcerias do empreendimento com agentes e agências sociais ou, ainda de necessidades ou oportunidades de estabelecimento de parcerias entre o grupo e outros atores sociais que podem favorecer o desenvolvimento do território em que o grupo se insere

O que a Incubadora leva ou deveria levar em consideração?

Informações sobre tipos de parceria existentes, instrumentos de pactuação, critérios para estabelecimento de parcerias (por exemplo, grau de compatibilidade de propósitos e estratégias entre os envolvidos), informações sobre condições que podem favorecer ou desfavorecer o estabelecimento de parcerias...

O que é esperado, como resultado desta ação da Incubadora?

Membros do empreendimento dispostos e com capacidade ampliada para identificar e avaliar parceiros e possibilidades de parceria, construir acordos justos que sejam capazes de atender às necessidades dos diferentes envolvidos e manter parcerias que sejam benéficas para o empreendimento; parcerias ampliadas, em particular no âmbito da Economia Solidária e com agentes e agências vinculados ao território em que o empreendimento se insere, de modo a aumentar a sustentabilidade do empreendimento, abrangência da Economia Solidária e desenvolvimento local.

A inclusão desta classe de comportamentos, que de certa forma já estava sinalizada em alguns aspectos no âmbito da classe de comportamentos componentes do método de incubação “elaborar proposta conjunta de trabalho”, foi considerada desejável pela constatação de que, particularmente, com uma perspectiva de desenvolvimento territorial, a articulação dos empreendimentos incubados com muitos e diversificados atores sociais, particularmente sediados ou com atuação na região em que se inserem estes empreendimentos incubados, sejam vinculados à Economia Solidária ou não, constitui condição fundamental para alcançar impacto na mudança da realidade e sustentabilidade destas mudanças em um determinado território. Neste sentido, a necessária competência dos empreendimentos para lidar com parcerias de modo a alcançar o atendimento a suas necessidades, o cumprimento de seus objetivos e o efetivo desenvolvimento territorial, sinalizou a conveniência de explicitar, na forma de uma nova classe de comportamentos, este compromisso da Incubadora.

Relacionada também ao estabelecimento de parcerias como condição central no processo de desenvolvimento territorial, a descrição de outra classe de comporta-

mentos indicada para constar do método de incubação, ainda que não relativa a intervenções dirigidas ao empreendimento em incubação, pode ser vista no Quadro 8.

Quadro 8. Descrição do comportamento “promover condições favorecedoras para que agentes e agências sociais com atuação ou inserção em território em que estejam inseridos empreendimentos e iniciativas solidárias estabeleçam parcerias com estes empreendimentos e iniciativas”, proposto como parte do método de incubação da INCOOP UFSCar a partir de revisão da descrição deste método realizada por membros da equipe.

PROMOVER CONDIÇÕES FAVORECEDORAS PARA QUE AGENTES E AGÊNCIAS SOCIAIS COM ATUAÇÃO OU INSERÇÃO EM TERRITÓRIO EM QUE ESTEJAM INSERIDOS EMPREENDIMENTOS E INICIATIVAS SOLIDÁRIAS ESTABELEÇAM PARCERIAS COM ESTES EMPREENDIMENTOS E INICIATIVAS

Em que situações ocorre, ou deveria ocorrer?

Qualquer oportunidade de contato com agentes e agências sociais, em particular aqueles que apresentam vinculação com ou atuação no território; disposição de agentes e agências para conhecer ou aproximar-se de iniciativas e empreendimentos de Economia Solidária em geral, e existentes no território em particular;

O que a Incubadora leva ou deveria levar em consideração?

Grau de compatibilidade de propósitos e estratégias de agentes e agências com princípios da Economia Solidária; condições da INCOOP para atuar junto a estes agentes ou agências, no contexto específico;

O que é esperado, como resultado desta ação da Incubadora?

Agentes e agências sociais, como potenciais parceiros ou apoiadores de empreendimentos e iniciativas de Economia Solidária, esclarecidos em relação a este campo de atividade humana, à INCOOP, a projetos, empreendimentos e iniciativas existentes, em particular em nível local; sensibilizados favoravelmente em relação aos objetivos e princípios da Economia Solidária; dispostos a avaliar possibilidades de parceria e apoio a empreendimentos e iniciativas de Economia Solidária.

Embora esta classe de comportamentos, ao contrário de todas as outras presentes no método de incubação ou propostas como novas, no contexto deste estudo, não tenha sua centralidade na atuação junto ao grupo incubado, sua inserção no método representa o reconhecimento da necessidade de a Incubadora atuar, como parte do processo de incubação, de modo que os grupos atendidos possam encontrar condições favoráveis para constituir e consolidar seus empreendimentos solidários, em particular nos territórios em que se inserem. A possibilidade de alcançar os resultados previstos neste comportamento é relevante, ainda, pela perspectiva de disposição crescente da população em geral, e dos atores significativos para as finalidades e objetivos da economia solidária, em relação a esta forma de organização para o trabalho, a partir da qual podem surgir possibilidades de mudança social mais abrangente na

direção da superação da desigualdade e da exclusão social.

O acúmulo alcançado pela INCOOP UFSCar no que se refere à interferência em práticas de consumo, particularmente a partir da ação do ConsumoSol, criado como projeto da Incubadora, conforme Cortegoso (2008), e Cunha, Mezzacappa e Leugi (2010) para promoção de práticas de consumo ético, responsável e solidário pelo menos no âmbito do município em que se insere, bem como as características pouco adequadas das práticas de consumo frequentemente observadas no âmbito de empreendimentos econômicos solidários, tais como as evidenciadas por Leugi (2008) ao investigar o padrão de consumo de membros de um empreendimento solidário, evidenciaram a necessidade e pertinência de que a equipe da INCOOP UFSCar assumira, como parte do processo de incubação, o compromisso de “assessorar empreendimentos para a adoção de práticas de consumo ético, solidário e responsável”, classe de comportamentos descrita no Quadro 9.

Quadro 9. Descrição do comportamento “assessorar empreendimentos para a adoção de práticas de consumo ético, solidário e responsável”, proposto como parte do método de incubação da INCOOP a partir de revisão da descrição deste método realizada por membros da equipe.

ASSESSORAR EMPREENDIMENTOS PARA A ADOÇÃO DE PRÁTICAS DE CONSUMO ÉTICO¹, SOLIDÁRIO² E RESPONSÁVEL³

Em que situações ocorre, ou deveria ocorrer?

Diante de práticas de consumo dos membros de empreendimentos incubados incompatíveis, em algum grau, com objetivos e características da Economia Solidária e da perspectiva de desenvolvimento territorial, incluindo respeito ao trabalhador, conservação ambiental e saúde de indivíduos; demandas por parte do empreendimento por assessoria para promoção de práticas de consumo com tais características, ou de oportunidades para abordar questões relacionadas a práticas de consumo e situações diversas de intervenção da equipe da incubadora junto ao empreendimento

O que a Incubadora leva ou deveria levar em consideração?

Práticas de consumo éticas, solidárias e responsáveis já praticados entre os membros do empreendimento; necessidades de consumo dos indivíduos; situação socioeconômica dos indivíduos; grau de interesse e disposição dos indivíduos para alterar práticas de consumo; práticas alternativas de consumo éticas, responsáveis e solidárias conhecidas; oportunidades e recursos para apresentação de práticas de consumo disponíveis ou acessíveis aos indivíduos que compõem o empreendimento, particularmente no território em que se insere⁴

O que é esperado, como resultado desta ação da Incubadora?

...máximo possível de práticas de consumo ético, solidário e responsável adotadas, tanto no âmbito individual, quanto no âmbito coletivo; empreendimentos e iniciativas econômicas, ou de apoio a estas, no âmbito da Economia Solidária ou com objetivos e características afins, particularmente do território ou com potencial para colaborar com o desenvolvimento deste território, fortalecidas a partir de práticas de consumo de indivíduos componentes de empreendimentos incubados e do próprio empreendimento; grau máximo possível de conservação ambiental promovido a partir destas práticas de consumo; membros de empreendimentos incubados capacitados a promover práticas de consumo ético, responsável e solidário nas várias esferas de sua vida pessoal; indivíduos e empreendimentos dispostos a participar de outras iniciativas de promoção de consumo ético, responsável e solidário.

A nova classe de comportamentos parte da suposição de que as práticas de consumidores são fundamentais para a sustentabilidade dos empreendimentos e para o desenvolvimento local. Tradicionalmente, o processo de incubação tem focado sua atenção na organização da produção, e embora a articulação de empreendimentos em cadeias produtivas represente de algum modo um avanço em termos das relações de compra e venda (no âmbito da cadeia), o grau de importância dado ao papel de

consumidor dos participantes de empreendimentos solidários, tanto no atendimento a suas necessidades individuais e familiares, quanto do próprio empreendimento, tem sido muito limitado. Mesmo no caso de iniciativas como as do ConsumoSol que, definindo-se como articulação de consumidores, produtores e distribuidores, pouco tem contado com a participação dos produtores em suas atividades, e pouco tem realizado de sua função de apoio ao projeto de desenvolvimento territorial da Incubadora, ainda que não por falta de reconhecimento da importância deste investimento. A condição estratégica das práticas de consumo, para alcançar objetivos próprios da Economia Solidária, em particular considerando a perspectiva de desenvolvimento territorial, justifica, aparentemente, que a assessoria aos empreendimentos, no processo de incubação, inclua o fomento a práticas mais compatíveis com estes objetivos e resultados pretendidos.

Além das propostas de inserção de novas classes de comportamentos como parte do método de incubação, tais como aquelas para as quais já foram elaboradas propostas preliminares de descrição, apresentadas anteriormente, foi possível identificar, também, a conveniência de (re) examinar classes de respostas constantes do método de incubação, para avaliar a conveniência de “desdobramentos”, reorganização ou mesmo inclusão de novas classes de comportamentos. Um exemplo deste tipo de situação envolve as classes “promover formação contínua e permanente de todos os membros do grupo para autogestão” e “promover condições para capacitação técnica contínua e permanente de todos os membros do empreendimento para o serviço/produção ofertado pelo empreendimento”, considerando a relevância da capacitação dos membros dos empreendimentos do ponto de vista da administração do empreendimento. Neste caso, a possibilidade de que a responsabilidade da equipe por promover este tipo de capacidade nos membros do grupo como parte do processo de incubação esteja pouco perceptível a partir das classes de comportamentos consideradas e de suas descrições, requer atenção. Tal possibilidade está no fato de que, mesmo podendo ser considerada como algo do âmbito da capacitação técnica (prevista no método), a descrição desta classe de comportamentos enfatiza a capacitação para a atividade produtiva específica do grupo. Da mesma forma, embora seja possível compreender que a capacitação para a administração do empreendimento está contemplada na classe de comportamentos relacionada à capacitação para a autogestão, aquela talvez não se limite, em relação aos aspectos sinalizadores de que deva ocorrer, das condições a serem levadas em conta, e dos resultados, produtos e efeitos a serem gerados, ao que está anunciado a partir do foco na autogestão. Nesta mesma direção, foi possível identificar a necessidade de avaliar o grau de coincidência de classes de comportamentos tal como descritas no método, para representar e orientar o processo de fomento à constituição de outras iniciativas no campo da economia solidária, tais como as de finanças solidárias, compreendidas como estratégicas para o fortalecimento dos empreendimentos econômicos financeiros, em particular no contexto de desenvolvimento territorial. Um exame do método de incubação descrito e adotado pela equipe da INCOOP UFSCar pela equipe que, no âmbito da Incubadora, dedica-se ao fomento de iniciativas de finanças solidárias sugeriu a possibilidade de que exista suficiente coincidência nos processos de acompanhamento de empreendimentos econômicos solidários e de iniciativas financeiras neste campo para que a menção a estas últimas seja agregada às descrições sem exigência de adequações nas relações comportamentais de referência. Por outro lado, a possibilidade de que

um exame específico do processo de fomento a iniciativas de finanças solidárias possa revelar aspectos relevantes que passariam despercebidos na suposição de coincidência estrita entre os processos de assessoria, contudo, leva a indicar a necessidade e relevância de uma análise específica destes processos, a partir do estabelecimento do novo acordo sobre o método de incubação para empreendimentos econômicos solidários que decorrerá da discussão, na equipe, do produto deste estudo.

Alterações à descrição do método de incubação disponível como referencial para a atuação da equipe até o estudo atual, decorrentes de indicações ou percepções surgidas no processo de revisão em termos de melhoria do texto para aumento de clareza e precisão, foram inseridas e, nestes casos, sem destaque para posterior discussão pela equipe, com base na suposição de que em nada alteram os acordos estabelecidos internamente. Tal discussão, com deliberações em instâncias coletivas reconhecidas como competentes para isso, é característica da forma de trabalho da equipe, e deverá ser favorecida em função dos subsídios a ela representados pelos aspectos que surgiram neste processo de revisão. Um processo que, mesmo sem envolver todo o coletivo que deve firmar um acordo desta natureza, destinado a orientar o trabalho de toda a equipe, já garantiu, em certo grau, um nível de coletividade na avaliação, mas que prosseguirá como parte das atividades rotineiras e especiais da equipe, devendo resultar, destes processos de discussão e decisões coletivas, novo conjunto de indicações de comportamentos organizacionais esperados que, sendo um acordo coletivo – ainda que necessariamente temporário, dada a natureza do trabalho desenvolvido pela Incubadora, da complexidade dos fenômenos sociais que constituem objeto de interesse da equipe e seu compromisso com indissociabilidade de ensino, pesquisa e extensão – terá a importante função de orientar a atuação da equipe e suas decisões em todas as esferas, enquanto esteja em vigor.

Contribuições do conhecimento sobre comportamento humano para a maneira como está representado o método de incubação

A existência de uma descrição dos comportamentos previstos para a Incubadora, como uma organização e, neste sentido, ela própria resultado dos comportamentos de seus componentes, fundamenta-se como relevante ferramenta de gestão da própria organização, em conhecimento disponível sobre comportamento humano, entre outros.

O método de incubação, tal como descrito, e do ponto de vista de sua função, corresponde a um conjunto de normas e, neste sentido, contribui para promover a ocorrência de comportamentos dos indivíduos que estão sujeitos a elas, por meio de regras, em contraposição à alternativa de aprendizagem empírica a partir das conseqüências a que estão expostos os comportamentos dos indivíduos. Isto significa, entre outras coisas, que a descrição do método de incubação representa importante ferramenta com potencial para capacitar novos membros da equipe responsável pela incubação, a ser explorado pela equipe como tal.

A maneira como estão descritos os comportamentos da incubadora, a partir do conceito de comportamento, apresenta como vantagens, em relação a formas usuais de representação de processos como a incubação (por meio de etapas, por exemplo), por evidenciar a responsabilidade da incubadora pelo processo de assessoria aos grupos, à medida que revela que são as ações do conjunto dos membros da equipe responsável pela incubação que produzirão – ou não – os resultados que representam os objetivos propostos a partir da incubação. A indicação clara dos aspectos a que a

equipe deve estar atenta, para identificar se é esperado que atue e como, bem como dos aspectos a serem levados em conta para garantir uma atuação relevante para o contexto em que a atuação é desejável, e dos resultados, produtos e efeitos esperados da atuação, desfavorece o mero uso de procedimentos convencionais, a aplicação de rituais, a repetição, como formas da equipe e de seus membros responderem a aspectos da realidade e suas especificidades. É condição favorecedora, em última análise, do autogoverno, que promove tanto a sensibilidade das pessoas a ela expostas aos resultados de suas ações (para si e para a comunidade em que se insere, em curto, médio e longo prazos) quanto a capacidade, de indivíduos e de coletivos, de diversificar comportamentos à medida que os resultados alcançados não correspondem aos desejáveis. Longe de constituir uma receita a ser seguida, representa uma ferramenta para refletir sobre cada uma das situações a serem enfrentadas pela equipe e facilitar a busca de alternativas.

Outra característica que pode ser considerada como positiva para as finalidades a que se destinam as descrições dos comportamentos que compõem o método de incubação adotado na Incubadora tal como vêm sendo feitas, é o fato de proporcionar o estabelecimento de acordos úteis para regular as condutas do conjunto dos componentes da equipe, ao contrário de formulações excessivamente gerais – e por isso genéricas – que dão a falsa impressão de concordância, e escondem divergências que, não resolvidas, nem sequer percebidas, acabam por corroer e romper tanto as relações entre pessoas quanto o processo de trabalho de equipes.

Por fim, fundamental para servir aos propósitos de orientar a atuação de uma equipe a cada dia mais numerosa, complexa e diversificada, cabe ressaltar a relevância do processo de construção e revisão do método de incubação, a partir de um alto grau de observação das atividades da equipe e de seus resultados, de procedimentos sistemáticos e sistematizados de busca e organização de informações, de acolhimento e processamento de contribuições teórico-conceituais com potencial para subsidiar a atuação da incubadora e ampliar a compreensão sobre os fenômenos e processos envolvidos com o objeto da Incubadora, de produção sistemática e permanente de conhecimento relevante sobre este objeto, e pela transformação de todo este patrimônio em oportunidades para preparo de pessoas, em muitos níveis, para lidar com problemas sociais significativos em geral, e com a Economia Solidária em particular.

Este estudo representa uma contribuição de alguns membros da equipe para o avanço do trabalho coletivo na Incubadora, na forma de novas possibilidades a serem discutidas em relação ao método de trabalho da Incubadora. Nesse sentido, tem potencial para constituir, também, contribuição para que outros tantos agentes de fomento à Economia Solidária possam refletir sobre a forma de trabalho da equipe da Incubadora, incluída aí a maneira como é expresso este fazer. E, por fim, ilustra algumas dimensões do processo de integralidade das atividades de ensino, pesquisa e extensão, considerando, como exemplo, o aproveitamento das reflexões realizadas por alunos da disciplina optativa oferecida pela incubadora ACIEPE sobre o método de incubação da INCOOP como subsídio para sua revisão e o compromisso com produção de conhecimento, dentre outras formas, por meio da sistematização e do exame crítico do trabalho realizado no âmbito da Incubadora.

Referências

- » ARTICULAÇÃO ITCP's. Sistematização de práticas das ITCPs: Metodologia de Incubação, Pedagogia da Autogestão e Movimento da Economia Solidária. 1º Seminário do Projeto Articulação ITCP's. Mimeo. São Paulo, 2011.
- » BOTOMÉ, S. P. Pesquisa alienada e ensino alienante – o equívoco da extensão universitária. São Carlos: EDUFSCar; Petrópolis: Ed. Vozes; Caxias do Sul: EDUCS, 1996.
- » CORTEGOSO, A. L. ; SHIMBO, I; ZANIN, M. et al. Método de incubação como referencial para atendimento a empreendimentos solidários: a experiência da Incubadora Regional de Cooperativas Populares da UFSCar. In: 2ª Jornadas Universitarias sobre Cooperativismo, Economia Solidaria y Procesos Asociativos. Montevideo, 2005.
- » CORTEGOSO, A. L.; SHIMBO, I.; ZANIN, M. et al. Comportamentos ao incubar empreendimentos solidários: a descrição do fazer coletivo como referencial para o fazer de cada um. In: CORTEGOSO, A. L.; LUCAS, M. (Orgs.) Psicologia e Economia Solidária – interfaces e perspectivas. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008. pp. 117-136.
- » CORTEGOSO, A. L. Consumo ético e responsável na Economia Solidária: compreensão e mudança de práticas culturais In CORTEGOSO, A. L.; LUCAS, M. (Orgs.) Psicologia e Economia Solidária – interfaces e perspectivas. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008. pp. 165-180.
- » CORTEGOSO, A. L.; FERRAZ, F. J. ; SHIMBO, I. et al. Evolução na atuação da Incubadora Regional de Cooperativas Populares da UFSCar em relação à economia solidária. In: DAL RI, N. M. (Org.). Trabalho associado, economia solidária e mudança social na América Latina. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. p. 205-222.
- » CRUZ, A. “La acumulación solidaria”. (mimeo, actualmente en prensa en el próximo número de la revista de la UEC, Montevideo). Pelotas/RS, 2011. Disponível em: <https://sites.google.com/site/materialescursocoop/talleres/taller-innovacion>
- » CUNHA, R. S. M. T.; MEZZACAPPA, G. G. M.; LEUGI, G. B. et al. Estratégias para mudança em práticas de consumo: O caso ConsumoSol. In: XVII Jornadas de Jóvenes Investigadores AUGM. Santa Fé, 2010.
- » DAGNINO, R.A Tecnologia social e seus desafios. In: Tecnologia social - uma estratégia para o desenvolvimento. Fundação Banco do Brasil, Rio de Janeiro, 2004.
- » GODOY, T. M. P. de. O espaço da Economia solidária: a autogestão na reprodução das relações sociais e os limites da emancipação social. Tese (Doutorado em Geografia). Programa de Pós-Graduação em Organização do Espaço. Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2009.
- » LEUGI, G. B. Práticas de consumo e economia solidária: caracterização de comportamentos e contingências. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) apresentado à Coordenação do Curso de Psicologia da Universidade Federal de São Carlos para obtenção do grau de Bacharel em Psicologia, 2008.
- » NOVAES, H. T. & DIAS, R. Contribuições ao Marco Analítico - Conceitual da Tecnologia Social. In: DAGNINO, R. (Org.). Tecnologia Social: ferramenta para construir outra sociedade. Campinas, SP: IG/ UNICAMP, p.17-53, 2009.
- » ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO. Trabalho decente nas Américas: uma agenda hemisférica, 2006-2015. OIT/ONU, 2006
- » RECH, D. Cooperativas: uma alternativa de organização popular. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- » REDE DE TECNOLOGIA SOCIAL (RTS) – Disponível em: <<http://www.rts.org.br>>. Acesso em: 25/08/2008.
- » SACHS, I. Videoconferência apresentada na 2ª Conferência Internacional de Tecnologia Social, abril, 2009. <http://www.rts.org.br/multimedia/videos/videoconferencia-2013-economista-ignacy-sachs-parte-I>. Acesso em: 27 julho 2009.

- » SENAES/MTE. Termo de referência para o mapeamento da Economia Solidária e sistema nacional de informações em Economia Solidária. Brasília, 2004.
- » _____. Atlas da Economia Solidária no Brasil 2005. Brasília: 2006.
- » UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS. Portaria 664/99, 1999. http://www2.ufscar.br/interface_frames/index.php?link=http://www.proex.ufscar.br. Acesso em 12 de Setembro de 2011.